

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IN MEMORIAM JAMES CAAN  
12 e 30 de setembro de 2022

## FUNNY LADY / 1975 (*Funny Lady, Um Mulher Endiabrada*)

Um filme de Herbert Ross

Realização: Herbert Ross / Argumento: Jay Presson Allen, Arnold Schulman / Direção de Fotografia: James Wong Howe, Vilmos Szigmond / Montagem: Marion Rothman, Maury Winetrobe / Cenografia: Audrey A. Blasdel / Guarda-roupa: Ray Aghayan, Bob Mackie / Som: Jack Solomon / Montagem musical: William Saracino / Músicas Originais: Fred Ebb, John Kander / Canções: "How Lucky Can You Get", "So Long Honey Lamb", "Isn't This Better", "Blind Date" "Let's Here It From Me" de Fred Ebb, John Kander, "I Found A Million Dollar Baby (in a Five and Ten Cent Store)" de Harry Warren, "Me and My Shadow de Dave Dreyer, Al Jolson, Billy Rose, "If I Love Again" de Jack Murray, Ben Oakland, "I Got a Cod in My Doze", de Arthur Fields, "(It's Gonna Be A) Great Day", "More Than You Know" de Edward Eliscu, Rose, Vincent Youmans, "Am I Blue" de Harry Akst, "It's Only a Paper Moon de Harold Arlen, Kander, E.Y. "Yip" Harburg, Ebb, Rose, "Clap Hands! Here Comes Charlie" de Ballard McDonald, Joseph Meyer, Rose / Coreografia: Herbert Ross, Howard Jeffrey / Interpretação: Barbra Streisand (Fanny Brice), James Caan (Billy Rose), Omar Sharif (Nick Arnstein), Roddy McDowall (Bobby), Ben Vereen (Bert Robbins), Carole Wells (Norma Butler), Larry Gates (Bernard Baruch), etc.

Produção: Columbia Pictures, Rastar Pictures / Produtor: Ray Stark / Cópia: dcp, cores, com legendas eletrônicas em português / Duração: 137 minutos / Estreia Mundial: Estados Unidos, 15 de março de 1975 / Estreia em Portugal: 1976 / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa

---

FUNNY LADY é a continuação de uma adaptação cinematográfica sobre a vida de Fanny Brice, seguindo-se a FUNNY GIRL (1968), o penúltimo filme de William Wyler e curiosamente, o seu primeiro musical. Brice fora uma estrela de *vaudeville*. Uma comediantes americana que deveu o seu sucesso na Broadway à participação nas *Ziegfeld Follies*, entre 1910 e 1911, voltando ao espetáculo em 1921 e ficando até aos anos 30, e, mais tarde na rádio, onde se celebrou particularmente através de *sketches* em que incarnava a personagem infantil chamada *Baby Snooks* (performance que podemos ver com o abrir do filme). Ao passo que FUNNY GIRL nos mostra a ascensão de Brice na Broadway e a sua conturbada relação com Nick Arnstein (Omar Sharif), FUNNY LADY acompanha a atriz pela Grande Depressão económica dos anos 30, pela sua tentativa de superação profissional e amorosa, através do casamento com Billy Rose (James Caan), jornalista e produtor teatral com quem tenta voltar à fama e da libertação da angústia provocada pelo amor obsessivo que nutriu durante anos por Nick Arnstein.

Tendo, como Audrey Hepburn, a sua carreira lançada por Wyler, Barbra Streisand foi, pela maioria da crítica, considerada a grande surpresa e força impulsionadora de FUNNY GIRL, ganhando logo no seu primeiro filme o Oscar de melhor atriz, a par de Katharine Hepburn (THE LION IN THE WINTER, de Anthony Harvey). O mesmo se pode dizer da performance de

Streisand em FUNNY LADY, cujo carisma alcança uma grande maturidade como atriz e cantora, principalmente no modo como equilibra a intensidade da voz com a sua integração diegética (veja-se o momento do primeiro ensaio da produção de Billy Rose, em que ambos consciencializam a crescente atração entre os dois, assim como as canções principais do filme "How Lucky Can You Get", composta pela famosa dupla Fred Ebb e John Kander e "(It's Gonna Be) A Great Day", de Edward Eliscu e Vincent Youmans.). No entanto, e apesar da sua integração no *top-tem* do *box-office* de 1968, o filme foi unanimemente destruído pela crítica americana e europeia, que denotou a fragilidade dos elementos cômicos e a passividade da narrativa, considerando o filme uma tentativa falhada de apelar à nostalgia da prequela.

Realizado por Herbert Ross, que dava os seus primeiros passos numa carreira de realização que, apesar de curta, foi muito bem sucedida principalmente no género musical, FUNNY LADY é, no entanto, mais relevantemente, uma iniciativa de Ray Stark e, já que o produtor estava casado com a filha de Brice, poderá ter posto a mão no argumento na tentativa de fazer justiça à história da sogra reforçando um lado mais "realista" e dramático, apesar de todas as liberdades a que o argumento se deu. A própria Streisand, que inicialmente rejeitou este papel, mudou de ideias ao ler o argumento, admitindo ver uma Fanny Brice mais madura, forte e glamorosa. Relação que, tendo ou não um caminho paralelo com a carreira de Streisand, surge com uma enorme naturalidade. Tendo em conta esta escolha devemos admitir que este filme poderá ser mais satisfatório com os espectadores que já conhecem FUNNY GIRL e mantêm interesse afetivo na evolução deste carismático cruzamento Brice/Streisand. Como tal, o filme deve ser visto num contexto dramático e realista em que a comédia se submete à exploração dramática da "maturidade" de Fanny Brice.

Imiscuída nas dinâmicas dramáticas das relações românticas de Fanny Brice, a narrativa de FUNNY LADY segue uma dupla via. A primeira estrutura e sustenta o filme e aborda o desenvolvimento da sua relação com Billy Rose (James Caan). A segunda via quebra-a através do aparecimento esporádico de Nick Arnstein, faz neste filme o papel de um fantasma que assombra Brice em certos momentos para nos lembrar que a problemática de Brice nada têm a ver com Billy Rose, mas com o seu passado e com um sentimento latente que se sobrepõe a todos os acontecimentos. Esses momentos coincidem com as canções principais e com os pontos mais importantes do filme, culminando, no final, com a discussão em que Brice consegue finalmente fazer frente a Arnstein, libertando-se do seu bloqueio. Apesar de uma interpretação irrepreensível, a personagem de James Caan acaba por ter um lugar ingrato, já que ao longo de todo o filme cresce uma sensação de isolamento narrativo do percurso de Fanny Brice, enquanto que, proporcionalmente, tudo o resto perde importância. No seu todo, FUNNY LADY parece levar à letra uma reflexão que um dia Fanny Brice expressou sobre a sua vida conjugal: "*I never liked the men I loved, and never loved the men I liked*". É certo que apresenta uma mensagem ética que apoia o crescimento e a liberdade individuais, mas cria ao mesmo tempo a triste imagem de uma resignação determinista.

Manuel João Montenegro